

CAPÍTULO 11
TRILHAS DA PROMOÇÃO EMANCIPATÓRIA
DA SAÚDE EM DIÁLOGO
COM A ATENÇÃO BÁSICA

FATIMA REGINA PIVETTA
MARCELO FIRPO DE SOUZA PORTO
FABIANA MELO SOUSA
LENIRA FRACASSO ZANCAN
MARIZE BASTOS DA CUNHA
JAIRO DIAS DE FREITAS
GLEIDE GUIMARÃES

o0o

Começo de Conversa

DESDE 2003, o Laboratório Territorial de Manguinhos (LTM) atua produzindo e divulgando conhecimentos sobre saúde, ambiente e políticas públicas do Território de Manguinhos entre diferentes atores sociais. Neste percurso, procuramos estar sempre em diálogo com os moradores de Manguinhos, nossa biruta nestas rotas por dentro do campo da saúde coletiva. Estamos também, constantemente, em interlocução com colegas da Fiocruz e outras instituições que atuam em serviços de saúde por meio de parcerias ou colaborações em projetos, ou em seminários, ou ainda em conversas de corredor. Com a equipe Teias-Escola Manguinhos estabelecemos uma comunicação mais próxima, participando desde o início das discussões do próprio projeto. Um diálogo que começou bem antes com muitos colegas do Centro de Saúde

Escola Germano Sinval Farias (CSEGSF). Todos estes intercâmbios, tecidos num solo comum, resultaram em avanços e recuos, caminhos refeitos, rotas e trilhas bem-sucedidas ou abandonadas.

Compartilhamos, neste texto, parte da experiência desse percurso realizado com os profissionais de saúde, especialmente os da rede de serviços do SUS, a partir de um eixo de reflexão que possa contribuir para com as práticas de trabalho de nossos interlocutores, nos territórios da atenção básica.

Queremos, a partir da ideia-força expressa no título “Trilhas da Promoção Emancipatória da Saúde em Diálogo com a Atenção Básica”, contribuir para a construção de possibilidades de fazer promoção da saúde a partir da atenção básica, que seja emancipatória e processual, nos lugares reais onde a vida acontece.

O que trazemos são contribuições de quem pesquisa e se situa “fora” dos serviços de atenção à saúde. No entanto, as diferentes formações da equipe do LTM, bem como o caminho assumido no desenvolvimento de nosso trabalho — por meio da pesquisa-ação, do diálogo regular com os profissionais dos serviços de saúde e com os moradores de Mangueiros, ensaiando novas linguagens para produzir e circular conhecimento e informação — permite o diálogo com ferramentas teóricas e metodológicas diversas, e diferentes atores

A equipe do LTM é formada por pessoas que possuem percursos diversos. A trajetória de uns foi iniciada na saúde do trabalhador e na saúde ambiental, como Marcelo Firpo Porto e Fatima Pivetta. Outros nas ciências humanas, como Lenira Zancan, Marize Bastos de Cunha e Jairo Freitas. Outros conjugam a experiência de morador, com o olhar de quem atua no campo da arte, como Fabiana de Melo Sousa e Gleide Guimarães.

atores, buscando compreender o que acontece no território, aproximando e confrontando várias leituras destes atores. A perspectiva aqui é, sobretudo, nos aproximar daquilo que acontece no dia a dia do território, procurando explicar não apenas as determinações da situação de saúde, mas também compreender a experiência dos que a vivenciam (Cunha & Frigoto, 2010). E, ainda, partilhar com atores do território, as informações e reflexões resultantes deste exercício de compreensão.

Para nós, o serviço de saúde é um espaço privilegiado deste compartilhamento. É o lugar para onde muitos dos problemas do território, experimentados por seus moradores, deságuam. E, sabemos que, por isso, muitos profissionais vivenciam seu cotidiano de trabalho como um drama. Um drama que nos faz recordar as palavras de Bourdieu:

[. . .] a situação precária em que se encontram os “trabalhadores da área social”, investidos pelo Estado (ou municipalidades) para garantir os mais elementares serviços públicos, principalmente em matéria de educação e saúde, às populações mais desfavorecidas dos grandes conjuntos habitacionais ou subúrbios, deixados cada vez mais abandonados pelo Estado. Esses funcionários refletem as contradições do Estado, que são vividas frequentemente no mais profundo deles mesmos, como se fossem dramas pessoais: contradições entre as missões, quase sempre desmedidas, que lhes são confiadas — principalmente, em matéria de emprego e habitação — e os meios normalmente irrisórios, que lhe são alocados; contradições, sem dúvida as mais dramáticas, produzidas em parte, pela sua ação, como as que resultam das esperanças e desesperos suscitados pela instituição escolar (1997, p. 219).

Atentos a essa dimensão dramática do trabalho de quem atua nos serviços, mais do que apresentar ideias, reflexões, conceitos, caminhos, propomos aqui um exercício de fazer perguntas. Vemos assim no campo da promoção da saúde, uma oportunidade de perguntar como intervir

O que trazemos para partilhar com os profissionais de saúde da atenção básica não são roteiros estruturados para chegar a alguma resposta, mas trilhas que possibilitem fazer as perguntas necessárias.

nos processos de determinação socioambiental da saúde e da doença em determinado território. Interrogar por que as coisas estão assim e o que fazer para provocar mudanças. É possível mudar sua prática, o processo de trabalho, as instituições? O

que fazer no plano individual e coletivo? Como fazer? Por onde começar? Esse, para nós, é o caminho para iniciar a trajetória de fazer promoção da saúde.

Pensamos que o mesmo espaço que dá lugar aos dramas aos quais se refere Bourdieu, o campo da saúde, e em particular o dos serviços, é também um lugar da potência. Em primeiro lugar, porque os que aí atuam possuem um horizonte de visibilidade fundamental à construção de políticas de saúde na atenção básica, que possam aproximar-se efetivamente da população e, em segundo lugar porque é onde as estruturas sociais se encontram em ação, segundo o mesmo autor.

Pensamos, nesse sentido, numa promoção emancipatória da saúde como processo dialético voltado à produção de conhecimentos e práticas que favoreçam a constituição de espaços de conquistas de liberdade, de redução de vulnerabilidades socioambientais e de exercício dos direitos humanos fundamentais. Concebida no âmbito territorial, a PS emancipatória tem como objetivo último o conhecimento e discussão dos problemas socioambientais e sanitários do lugar, visando transformar as políticas públicas e práticas institucionais a partir dos interesses legítimos e necessidades das populações (Porto & Pivetta, 2009).

Os territórios da atenção básica e das ESF são os das periferias e favelas das grandes cidades, que por suas situações de vulnerabilidade a solidariedade se fazem mais urgentes e necessários, como é o caso do Território de Manguinhos, uma favela da zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

Castel afirma que o Estado Social entendido como o Estado de Bem-Estar e de Providência, tem o papel de fiador da solidariedade como “o vínculo que assegura a complementariedade dos componentes de uma sociedade a despeito da complexidade crescente da sua organização” (Castel, 1998, p. 35). Acreditamos que o Setor Saúde tem legitimidade para ser um fiador dessa solidariedade. Tanto pela luta histórica do Movimento Sanitário Brasileiro para superação das desigualdades sociais, quanto pela estruturação institucional da Saúde como um sistema de garantia de direitos, e que envolve desde a inte-

gralidade do cuidado até a participação e o controle social. Em particular, apostando-se na potencialidade estratégica do Programa da Saúde da Família como mecanismo de mobilização da população em torno de problemas que dizem respeito à qualidade de vida.

Essa legitimidade nos coloca como tarefa enfrentar três dimensões da injustiça social: a injustiça socioeconômica, a injustiça cultural e simbólica e a injustiça da distribuição do poder, para as quais devemos contrapor o princípio da redistribuição, o princípio do reconhecimento e o princípio da participação, respectivamente (Fleury, 2005).

Para a realização dessa tarefa precisamos constituir processos que permitam ampliar os “círculos de inclusão”, identificando nichos de confiança disponíveis na sociedade, que permitam ampliar os circuitos de troca para estruturação de um capital social que sustente a participação das pessoas em coletivos construtores de altos patamares de solidariedade e de cidadania.

A saúde, como uma das expressões do viver, possui dimensões sociais, éticas, morais e estéticas irredutíveis: depende de como os valores, interesses e conflitos se relacionam dentro das estruturas de poder. Depende e se expressa em função dos recursos existentes no mundo material, físico, ambiental e biológico. Esse conceito ampliado de saúde envolvendo a distribuição de poder na sociedade está na base de uma promoção emancipatória da saúde (Waltner-Toews, 2000; Porto, 2002).

Inspirados por Hannah Arendt, dizemos que não oferecemos respostas às indagações e perplexidades da e do profissional-leitor “respostas são dadas diariamente no âmbito da política prática, sujeitas aos acordos de muitos; jamais poderiam basear-se em considerações teóricas ou na opinião de uma só pessoa, como se tratasse de problemas para os quais só existe uma solução possível. . . o que proponho é muito simples: trata-se de refletir sobre o que estamos fazendo” (Arendt, 2009, p. 13).

Um dos mais instigantes aprendizados que vimos vivenciando com os moradores, muitos dos quais são Agentes Comunitários de Saúde, é com suas capacidades de sintetizarem, nas

suas falas, toda a complexidade do território onde vivem e trabalham. Sínteses como a de uma moradora de Manguinhos que, perguntada sobre o que sabia sobre meio ambiente, respondeu: “é o ambiente dividido ao meio. O nosso, com lixo, e o deles, onde não tem nada disso”; frases carregadas de saberes, vivências, emoções, impotências, mas principalmente de esperanças. E pesquisador algum é capaz de fazer, mas sim participar do trabalho de **tradução**.

Tradução. É o processo de construção do entendimento de problemas de um território na sua complexidade por todos os atores sociais implicados. Isto é, significa criar inteligibilidade entre diferentes linguagens e situações, possibilitando aos diferentes grupos sociais interferir e transformar solidariamente uma realidade desfavorável.

Desejamos que, com o mesmo entusiasmo que tivemos ao realizar essa aventura da produção compartilhada do conhecimento nas trilhas por Manguinhos, que resultou na Maleta de Trabalho do LTM, a estimada leitora e o estimado leitor percorram as páginas deste texto, e, principalmente, tenham vontade de inventar suas próprias trilhas na busca de uma promoção emancipatória da saúde. Que nunca mais tenhamos a sensação de estar enxugando gelo, e juntos busquemos respostas para a pergunta: por que e como fazer promoção da saúde na atenção básica?

A ideia de um Laboratório Territorial

Surge da inspiração nas experiências italianas de práticas participativas que se vêm desenvolvendo na máquina administrativa dos governos municipais, e tem como estratégias a implantação de laboratórios territoriais ou laboratórios de bairro, que são gerenciados, na maioria das vezes, por funcionários municipais. Essas experiências deram origem aos Escritórios Especiais para a Participação e Laboratórios de Bairros (Uspel, sigla em italiano), dotados de recursos humanos e financeiros, ancorados em duas dimensões centrais: o contrato de bairro e o balanço social (Pivetta, 2002).

Em 2002, nosso grupo de pesquisa do Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (Cesteh) nas áreas de saúde do trabalhador e ambiente, inicia uma cooperação com o Programa Dlis Manguinhos (Zancan et al., 2002), quando, então, a ideia sai da cabeça e começa a virar realidade — nucleamos o Laboratório de Territorial de Manguinhos (LTM), como uma frente de pesquisa e ação.

A partir daí começamos dois movimentos simultâneos: o aprofundamento conceitual e as práticas territoriais. A primeira

**comunidade ampliada de pesquisa-
ação do LTM (CAP)** foi constituída por pesquisadores da Fiocruz e moradores envolvidos nos movimentos sociais de jovens moradores de

*Consultas Coletivas:
seriam esses grupos de
pacientes uma comunidade ampliada de
pesquisa-ação?*

Manguinhos, alunos inseridos em um Programa de Vocação Científica para o nível médio. Fomos, então, refinando nosso entendimento coletivo do que significa ser um laboratório territorial: é pensar o território como laboratório ou um observatório, com a intenção de resgatar o espaço da ciência como espaço público que dialogue e incorpore solidariamente as necessidades das pessoas e da sociedade na forma de analisar e intervir na realidade. Significa romper com a ideia da ciência e do laboratório científico como um castelo impenetrável ao cidadão comum, cujo objetivo principal é conhecer para dominar e prever, e nem sempre transformar a realidade em favor da vida e dos mais necessitados. Significa romper com as barreiras cognitivas e sociais que isolam o mundo científico das pessoas, mediante um trabalho de tradução que aproxime, de forma solidária e compartilhada, as linguagens e os objetivos de pesquisadores e moradores (Porto et al., 2014).

O **território** para nós, do LTM, de um modo simples, é o lugar onde construímos a história a partir das nossas ações individuais e coletivas, das relações sociais e dos encontros e acontecimentos solidários. Território é um lugar que tem uma história, reveladora de interesses de atores sociais que produzem conhecimento para o enfrentamento de vulnerabilidades. Sentido esse

que resulta dos diálogos com autores como Milton Santos (Santos, 2005), Maurício Monken & Christovam Barcellos (Monken & Barcellos, 2005) e Jailson Souza Silva (Souza e Silva, 2007), entre outros, mas também com moradores e colegas de trabalho.

Com as noções de produção compartilhada de conhecimentos, comunidade ampliada de pesquisa-ação e território, incorporamos a ideia do ciclo da comunicação como uma referência metodológica, e também esquema analítico para a compreensão da nossa prática e capacidade de contribuir para a construção de uma PS emancipatória. Esta é uma proposição da pesquisadora Inesita Araújo, que no início do projeto participou do LTM, nos ensinando a compreender que o que estávamos estruturando não era um sistema de informação para Manguinhos, como fazíamos, mas um ciclo de comunicação, que envolve a produção — circulação — apropriação de conhecimento e informação, no nosso caso sobre saúde e ambiente no território de Manguinhos (Araújo, 2002; Araújo & Cardoso, 2007).

A ideia de um Laboratório Territorial nasce, portanto, de uma necessidade: fazer valer o discurso da participação comunitária e assim, aproximar o mundo real e a urgência de responder às necessidades sociais dos processos de decisão nas políticas públicas. Participação, como Freire nos ensina, como um ato de conhecimento, como ato criador e como ato político, é um esforço de leitura do mundo, em que “já não é possível texto sem contexto”. Esta concepção coloca-nos o desafio de assumirmos o papel de promotores de encontros com o saber popular, não para elitizar os grupos populares, desrespeitando sua linguagem e sua visão de mundo, mas para ler o mundo juntos (Freire, 2008, p. 30).

O Laboratório Territorial nasce também como possibilidade de estabelecer um “campo de experimentação local onde seja possível resistir localmente às evidências da inevitabilidade do discurso da globalização como produtora de monoculturas” (Santos, 2001, p. 36). Nasce de uma utopia de constituir instâncias de mediação entre o conhecimento científico e o saber popular num dado território (bairro e comunidades dentro das cidades). Como ensina nosso mestre Milton Santos “toda teoria

é, pois, embrião de uma utopia. . . O próprio ofício de teorizar pressupõe uma utopia. . .” (Santos, 2004, p. 48).

Por enquanto, vamos dando nossa singela contribuição produzindo conhecimentos e informação com moradores de Mangueiros e tantos outros parceiros pesquisadores, profissionais de saúde, etc., acreditando que é nesses encontros, com as trocas e diálogos de saberes, de experiências e vivências, que todos se fortalecem mutuamente, inclusive os movimentos sociais e comunitários, por meio da produção compartilhada de um novo conhecimento sobre as potencialidades e problemas do lugar.

Esses conhecimentos sistematizados e as metodologias e teorias que os informam, estão expressos na forma de um caixa de ferramentas “**Maleta de Trabalho do LTM: Reconhecendo Mangueiros**”, em que os temas das enquetes, políticas públicas — o PAC, moradia, o mangue, histórias de vida e memórias de moradores, entre outros —, são as dimensões que escolhemos para compreender o território de Mangueiros e suas transformações, vulnerabilidades, injustiças e potencialidades.

A Maleta de Trabalho do LTM: um território em movimento

A ideia de reunir em uma Maleta de Trabalho os materiais produzidos pelo LTM surgiu em conversas com a pesquisadora Inesita Soares de Araújo, que participara de nossa primeira CAP, quando nos contava sobre os “flanelódromos” no trabalho com os agentes de saúde indígenas.

Conteúdo e linguagem são elementos centrais para uma promoção emancipatória da saúde. Por isso o LTM vem debruçando-se sobre as diferentes linguagens que possibilitem avançar no processo de produção compartilhada de conhecimento e na sua sistematização em materiais político-pedagógicos sobre o território, que possam contribuir para promover a autonomia e fortalecer os lugares de interlocução dos atores sociais locais nas

diversas arenas de negociação em que participam (Porto et al., 2012; Zancan et al., 2014).

A Maleta é o ponto de chegada, isto é, o resultado das experiências de produção, circulação e apropriação de conhecimentos sobre saúde e ambiente, desenvolvidos pelo Laboratório Territorial de Manguinhos desde 2003. Os materiais que compõem a Maleta são as trilhas — temas e caminhos percorridos, janelas que abrimos para olhar o lugar. Sintetizam encontros de saberes locais e acadêmicos. São também os suportes de materialização do conhecimento produzido e de mediação para o aprendizado. É um elo físico e uma ponte entre o LTM e as pessoas.

Partilhar os materiais da Maleta de Trabalho do LTM com os profissionais da Atenção Básica e avaliar o seu potencial como recursos político-pedagógicos de apoio à educação permanente dos profissionais e como ferramentas de apoio às suas atividades.

A Maleta tem dois significados centrais: é um dispositivo de comunicação e uma representação do território em movimento, no caso Manguinhos. Como dispositivo de comunicação entre os atores e os problemas e potencialidades do território, busca favorecer a amplificação das vozes dos moradores na reconfiguração das relações de poder, de forma que desconstrua e reconstitua histórias e realidades ante os discursos hegemônicos, que homogeneizam seus lugares na cidade e estigmatizam seus modos de vida e cultura.

Como um território em movimento, busca expressar, ao mesmo tempo, os movimentos de agregar pessoas, com seus olhares, valores, conhecimentos e interesses de um lado, e de outro de se debruçar sobre Manguinhos para desvendá-lo em textos, imagens e sons, em linguagens e formatos que tornem possível a todos — população, pesquisadores, técnicos e gestores — conhecer e reconhecer este território. Mais que oferecer informações, é situar Manguinhos na sua história e na história da cidade, compreender como se deram e se dão as transformações positivas e negativas e suas consequências sobre a vida das pessoas e dos ecossistemas.

O território, como totalidade e sistema aberto, uma organização socioespacial na qual a vida acontece em movimentos —

essa é a ideia que encerra a Maleta. A Maleta como meio de transporte de ideias, possibilidades de mudanças geográficas, mudanças de conteúdo, deslocamentos, limites físicos, identidades. Como dizem os geógrafos, a geografia faz a diferença, o endereço revela a diferença. A expressão dessas diferenças nos territórios da cidade é o que nos interessa, na medida em que revelam as iniquidades e suas determinações geopolíticas, culturais e ideológicas que produzem os problemas e as soluções em cada território.

Ao buscar compreender Manguinhos em suas múltiplas territorialidades fomos produzindo conhecimentos sobre temas relativos à história de formação e memória das comunidades, os processos de mudança e seus impactos sobre o ambiente e a saúde das pessoas. Resultaram, pois, dessas trilhas por Manguinhos, vários materiais político-pedagógicos, que compõem a Maleta.

Os temas, conteúdos e formas dos materiais foram definidos pela CAP a partir de situações-problema vivenciadas por pesquisadores e moradores, cujas dimensões nos permitem compreender o território de Manguinhos e suas transformações, vulnerabilidades, injustiças e potencialidades. Cada situação-problema tornou-se um tema gerador e cada material produzido é um caminho — um método de produção compartilhada de conhecimento, que trilhamos para nos situarmos e compreendermos a realidade e agir. Podem ser usados separadamente ou integrados a partir de um tema-problema.

Quando escrevemos materiais educativos, produzimos sentidos. Ali estamos expressando uma maneira de ver e interpretar a realidade e tentando obter adesão dos leitores para nossa perspectiva. Sob este prisma, um material educativo é, sempre, uma tentativa de intervir na realidade [...] — Inesita Araújo (2006, p. 50).

A Maleta traz materiais organizados nos seguintes temas:

As **Histórias e Memórias de Manguinhos**: sistematizadas no documentário *Manguinhos: histórias de pessoas e lugares*, no cordel *Manguinhos em prosa e verso* e no livro *Histórias de pessoas e lugares: memórias das comunidades de Manguinhos*, de autoria de

Tania Fernandes e Renato Gama-Rosa Costa. Nossa intenção, mais que oferecer informações, é situar Manguinhos de hoje na sua própria história e na história da cidade, compreender como se deram e se dão as transformações, quais fatores foram e são preponderantes nas mudanças positivas e negativas e suas consequências sobre a vida das pessoas e dos ecossistemas.



Políticas Públicas: análises do PAC Manguinhos em dois documentários — *PAC Manguinhos: o futuro a Deus pertence?* e *PAC Manguinhos: promessa, desconfiança, esperança*, e um livro *PAC Manguinhos: um relato fotográfico* retratam as expectativas e visões de moradores, gestores públicos, lideranças e profissionais de saúde sobre as mudanças promovidas pelo PAC no território e em suas próprias vidas.

O documentário aborda os principais impactos do PAC Manguinhos, - Programa de Aceleração de Crescimento, iniciado em março de 2008, no primeiro ano de implementação. São entrevistados gestores públicos, moradores, agentes de saúde e representantes de movimentos sociais. Os diálogos que se estabelecem ou não, entre os vários atores sociais e seus interesses, contribuem para dar nitidez a complexidade do processo de elaboração e implementação de políticas públicas.

Direção: Fabiana Melo Sousa
Gênero: Documentário
Duração: 40 Min
Ano: 2009

PAC Manguinhos: Promessa, Desconfiança, Esperança

Os documentários podem ser usados nas salas de espera como compartilhamento de conhecimento e informação, como parte do processo de acolhimento e de escuta, pela interação das equipes com moradores pelo diálogo que pode surgir a partir de vídeos.

Território, Ambiente e Saúde: enchentes, ecossisten

O conhecimento produzido sobre o problema das enchentes em Manguinhos é sistematizado pelo **ciclo explicativo da produção de enchentes** e suas consequências sobre a vida e a saúde das pessoas, assim como as estratégias nos diferentes níveis de ação, que vão do familiar ao mais global, na forma de uma matriz holística e apresentada na forma de calendário anual. Abordamos o tema do ecossistema local produzindo um *slideshow* *Mangue, Manguinhos, Manguezal*, que compara por meio de imagens fotográficas, Manguinhos — um bairro construído sobre um manguezal aterrado, completamente degradado, com a APA de Guapimirim-RJ, uma área de manguezal preservada.



Conversando com moradores, as Agentes Comunitárias de Saúde podem usar o calendário para agendar visitas e também para falar das enchentes, destacando os períodos prováveis de chuvas, as ações de prevenção, os telefones úteis, primeiros socorros, etc. Nas Consultas Coletivas discutir tuberculose jogando.

O tema tuberculose e a produção do *livro-jogo Território, saúde e ambiente* serão apresentados no capítulo seguinte, em que contamos a história da elaboração de trilhas por Manguinhos, como um processo de pesquisa-ação.

Também fazem parte da Maleta o **livreto** *Reconhecendo Manguinhos: Maleta de Trabalho*, que contém sugestões metodológicas para a utilização dos materiais. O objetivo deste livreto é dar autonomia à maleta, com relação ao LTM; o *folder* do LTM e o marcador de livro produzido para divulgação do nosso sítio (<www.conhecendomanguinhos.fiocruz.br>), onde parte dos materiais já está acessível. O sítio é um acervo virtual organizador do conhecimento e informação e uma ferramenta para a interação e aprendizagem, em quatro principais temas — Histórias de Pessoas e Lugares, Manguinhos no Tempo, Saúde, Ambiente & Desenvolvimento e Território & Cidadania.

No processo de produção destes materiais, percorremos trilhas interpretativas que se tornam meios pedagógicos para conhecer as várias dimensões da realidade de Manguinhos, para informar e problematizar temas que são priorizados pelos moradores.

Em termos práticos, trilhas interpretativas têm o propósito de estimular os grupos de atores a um novo campo de percepções, com o objetivo de levá-los a observar, questionar, experimentar, sentir e descobrir os vários sentidos e significados relacionados aos temas selecionados (Vasconcellos & Ota, 2000, apud Menghini & Guerra, 2008).

Outra trilha foi o trabalho-processo de produção de um protótipo de Maleta, como um suporte para nossos materiais e movimentos de pesquisa-ação e também como trilha-inspiração para que cada um possa construir a sua própria Maleta. Neste processo, a Maleta primeira tomou a nossa cara, transformando-se ela mesma num material de interação — um protótipo.



"[. . .] a palavra protótipo. . . usada dentro do design para se referir a um último teste, totalmente funcional, antes do produto final —, porque acredito que um produto que é feito coletivamente nunca tem fim, pode estar sempre sendo aprimorado buscando agregar novos movimentos e desejos dos usuários. . .", nos ensina Mala Matida, a designer, que coordenou o trabalho-processo de produção do protótipo da Maleta.

Construindo uma Trilha por Manguinhos: o Tema da Tuberculose num Livro-Jogo

Você encontrará a partir daqui a narrativa do processo de construção do que chamamos trilhas *interpretativas* por Manguinhos: o trabalho de explorar uma situação-problema ou tema gerador de aprendizados para a ação, isto é, um processo de pesquisa-ação, na perspectiva da promoção emancipatória da saúde fundamentada nas abordagens da determinação social da saúde (DSS) e da justiça ambiental.

O objetivo inicial era desenvolver uma compreensão global do problema que subsidiasse a produção de um roteiro de jogos para jovens sobre o tema que, além de divulgar informações para a população, demandadas pelo serviço de saúde local, permitissem relacionar este problema de saúde com os chamados Determinantes Sociais da Saúde (DSS). Ou seja, questões como as desigualdades sociais, os direitos humanos fundamentais, o acesso à informação e aos serviços de saúde de qualidade, a qualidade da moradia e dos transportes públicos, dentre outros fatores.

O primeiro passo foi a ampliação da equipe do LTM, **constituindo uma comunidade de pesquisa-ação para o tema da tuberculose (CAP-Tb)**, formada por pesquisadores, jovens moradores bolsistas do LTM, profissionais do Centro de Saúde Escola Germano Sinval Farias, mais especificamente médicos e agentes de saúde das equipes de saúde da família, pesquisadores em educação popular em saúde da Ensp e moradores de Manguinhos que já

Produção de conhecimento sobre a tuberculose: compartilhamento e sistematização dos saberes.

havam passado pela experiência de terem tuberculose. A produção deste grupo subsidiou os conteúdos para a elaboração do roteiro do livro-jogo.

Durante quatro meses, em 2009, a CAP-Tb realizou oficinas que aprofundaram a compreensão sobre o problema da tuberculose na realidade de Manguinhos, com relatos e trocas de experiências entre os vários participantes e sistematização de informações. Os debates buscaram estabelecer alguns consensos sobre as principais causas do problema no que se refere aos determinantes sociais, necessidades do sistema de saúde e da população, possíveis agendas de pesquisa e ações de promoção da saúde. Os resultados das discussões foram sistematizados a partir das seguintes perguntas: O que é tuberculose e quais seus principais sintomas e efeitos para a saúde? Como é seu tratamento? Como alguém “pega” tuberculose, e por que algumas desenvolvem a doença e outras não? Como o problema se apresenta em Manguinhos? O que torna as populações de Manguinhos e este território mais vulneráveis? Quais os grupos que são (ou parecem ser) os mais vulneráveis? Como pessoas que tiveram a doença em Manguinhos relatam suas vivências? Que agendas possíveis de atuação podem ser pensadas para enfrentar o problema em Manguinhos quanto a cuidado, tratamento, prevenção e promoção?

Foi possível assim refletir sobre o problema a partir de pontos de vista distintos mas complementares: profissionais de saúde e de educação, de pessoas que sofreram a doença, de pesquisadores que procuram produzir um conhecimento situado, de jovens que querem conhecer os problemas de saúde e ambiente para participar de projetos de mudança da realidade onde vivem; sistematizar informação sobre a doença e sua incidência em Manguinhos; ouvir a história das pessoas e identificar os determinantes sociais e formas de enfrentar o problema. Etapa essa fundamental para construir materiais para circulação e apropriação deste conhecimento para além da CAP.

A partir dessa **construção compartilhada de conhecimentos sobre a tuberculose**, nos seus aspectos gerais e clínicos e como problema de saúde relacionado às condições de vida em

Manguinhos, o grupo voltou-se para a produção de jogos virtuais que traduzissem “a saúde em Manguinhos”. O processo de programação, produção de imagens e definição de conteúdo foi realizado agora por uma equipe formada por três jovens moradores, dois pesquisadores da Ensp e dois profissionais da Empresa Moleque de Ideias, que disponibilizou a plataforma e o *software* para geração dos jogos. Nesse processo buscamos alcançar diversos objetivos: o aprendizado dos jovens do projeto com relação às tecnologias computacionais (que implica uma certa capacidade de programação criativa); o desenvolvimento do trabalho coletivo em equipe; e o aprofundamento dos temas específicos de interesse para a saúde pública e a população de Manguinhos, incorporando discussões mais abrangentes sobre os determinantes sociais e as políticas públicas que se encontram por detrás dos problemas analisados. Foram então produzidos dois jogos: da Memória e do Futebol. O jogo da memória foi o mais relevante no processo de construção coletiva. Depois de construído por uma dupla de jovens, foi ilustrado coletivamente, com a inclusão de fotos de Manguinhos, servindo como fonte de inspiração lúdica para que o jogador conheça (e reconheça) áreas do bairro, com sua história e características.

Por fim, considerando o aprendizado, informações e saberes diversos envolvidos na construção dos jogos, optou-se por produzir um livro-jogo, similar ao RPG intitulado *Território, saúde e ambiente: a tosse misteriosa*.¹ Para tanto, realizamos oficinas com os pesquisadores do LTM e colaboradores de outros projetos da Fiocruz a exemplo do Tecendo Redes do Museu da Vida/COC e do Centro de Saúde Escola da Ensp.

O jogo se desenvolve a partir da suspeita de que Pedro está doente, explorando os estereótipos e (des)informações que permeiam o senso comum sobre as doenças, os doentes e as formas de intervenção sobre os problemas socioambientais em Manguinhos. Em função das escolhas dos jogadores a história pode

1 O desenvolvimento deste jogo contou com o apoio do Projeto Cidades Saudáveis — PDTSP da Fiocruz 2008-2010, e do Projeto Popularização da Ciência da Faperj 2009-2011.

ter diferentes finais, como a morte do personagem ou o diagnóstico e formação de uma rede de apoio. Os percursos possíveis do jogo envolvem discussões sobre as condições de vida e os processos de determinação social da saúde, assim como sobre os recursos e serviços disponíveis e necessários para seu enfrentamento.

Como encarte do livro-jogo encontram-se as *Cartas dos temas geradores* com explicitação das questões que orientaram a produção da história. O objetivo das Cartas é provocar e apoiar o debate de temas implicados no jogo, mas também fomentar a construção de novas cartas, com temas e ideias geradas pelo grupo. Por fim, há ainda um *roteiro de validação* que deve ser preenchido após cada “partida/dinâmica” realizada. O roteiro visa avaliar tanto a forma — jogabilidade e atratividade — como a pertinência e o grau de interesse gerado pelos conteúdos e situações vivenciados, e, principalmente, apoiar a construção de novos significados e novas questões de aprendizagem.

O texto do livro-jogo também foi criado pelo coletivo do LTM, e, cada cena foi desenvolvida por pelo menos duas pessoas, “jogando”, criando descrições e diálogos. O processo de ilustração foi realizado pelo grupo de audiovisual do LTM, que em um sábado de setembro de 2011 reuniu os “atores-personagens”, moradores de Manguinhos, para a produção de fotos-ação, tendo como inspiração a fotonovela. Também colaboraram para as fotos-personagens pesquisadores da Fiocruz.

O desafio maior deste jogo, como instrumento de promoção da saúde, é possibilitar uma interação entre grupos de jogadores visando à produção de novos conhecimentos e a aprendizagem coletiva de questões e alternativas para a melhoria das condições de vida e saúde em Manguinhos e em outros territórios semelhantes. O objetivo é usar o jogo como mediação para que os grupos expressem seus interesses e visões sobre o lugar em que vivem, questionem a realidade, ampliando a confiança e interação entre os participantes, reforçando a autoestima e o sentimento de pertencimento ao território e fortalecendo a capacidade de agir dos grupos e atores locais. O livro-jogo é, assim, um

material aberto, que poderá ser complementado e revisado a partir dos interesses e do universo de concepções e experiências dos jogadores-atores do território.

Pontos de partida e de chegada

O LTM assume que o conhecimento e a informação são recursos sociais imprescindíveis ao desenvolvimento e aprimoramento dos processos democráticos e fatores-chave para ampliar e qualificar a participação social. Nesse sentido, temos procurado produzir conhecimento junto com moradores e atores do território num processo de reflexão permanente sobre a experiência de morar e trabalhar nos chamados territórios de exceção, onde a ausência e descontinuidade das políticas públicas se traduzem em desrespeito aos direitos humanos, expresso nas várias formas de violências, como as doenças, enchentes, estigmatização, homicídios pelas forças de segurança do Estado, entre outras.

As nossas experiências indicam os desafios da comunicação dialógica, e que a construção compartilhada de conhecimentos se faz num contínuo “caminho de pedras”, em que metodologia, estratégia e tática, bem como os limites, autonomias, ritmos e tempos dos pesquisadores (servidores da Fiocruz e moradores) se mesclam se confrontam e se confundem o tempo todo.

Acreditamos, entretanto, que a potência dessa produção está em seu próprio método e nas mediações que propomos para a construção de conteúdos e interatividade, que pressupõe a ampliação permanente dos circuitos de trocas — de saberes, experiências e valores — com os diferentes atores locais.

A iniciativa da Fiocruz em assumir a gestão local da saúde em Manguinhos coloca profundos e instigadores desafios a todos nós servidores públicos dessa instituição, em particular da Ensp pela sua inserção histórica em Manguinhos. Entre estes desafios estão: 1) A coerência na operacionalização dos princípios e pressupostos da Promoção da Saúde, sendo nós da Fiocruz, um dos formuladores da Política Nacional de Promoção da Saúde.

de; 2) A necessária transformação institucional para responder às novas práticas que a PS enuncia; e 3) A requalificação-formação simultânea de servidores e moradores para operar um novo “sistema” de gestão local da saúde fundado nos princípios e diretrizes da Promoção da Saúde.

Aqui a questão que se levanta é que instituições ou práticas institucionais devem ser criadas para responder à complexidade da sociedade atual, “[. . .] as pessoas não podem simplesmente saber, elas têm que aprender que instituições devem criar para lidar com o problema. . .” (Elias, 1994, p. 138).

Referências

- Araújo, I. “Materiais educativos e produção de sentidos sociais na intervenção social”. In: Monteiro, S. & Vargas, E. (org.). *Educação, comunicação e tecnologia: interfaces com o campo da saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, pp. 49-69.
- Araújo, I. S. & Cardoso, J. M. *Comunicação e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- Arendt, H. *A condição humana*. 10.^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- Bourdieu, P. (coord.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- Cunha, M. B. & Frigotto, G. O trabalho em espiral: uma análise do processo de trabalho dos educadores em saúde nas favelas do Rio de Janeiro. *Interface* (Botucatu), vol. 4, n.º 35, pp. 811-23, dez. 2010.
- Elias, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- Fernandes, T. M. & Costa, R. G. R. *Histórias de pessoas e lugares: memórias das comunidades de Manguinhos*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.
- Freire, P. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- Menghini, F. B. & Guerra, A. F. S. *Trilhas interpretativas: caminhos para a educação ambiental*. Grupo de Pesquisa Educação, Estudos Ambientais e Sociedade (Geeas)-Univali. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da Universidade do Vale do Itajaí <<http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2008/Educacao>

- _ambiental/Trabalho/05_08_12_Trilhas_interpretativas_caminhos_para_a_educacao_ambiental.pdf>, acesso em 12-8-2013.
- Monken, M. & Barcellos, C. Vigilância em saúde e território utilizado: possibilidades teóricas e metodológicas. *Cad. Saúde Pública*, vol. 21, n.º 3, pp. 898-906, 2005.
- Pivetta, F. “Laboratório territorial como instância para a promoção da saúde: contribuição para as discussões acerca do Programa Dlis Manguinhos”. In: Zancan, L.; Bodstein, R. & Marcondes, W. (orgs.). *Promoção da saúde como caminho para o desenvolvimento local: a experiência em Manguinhos-RJ. Saúde Movimento*, n.º 5, pp. 247-71, Rio de Janeiro: Abrasco-Fiocruz, 2002.
- Porto, M. F. S. & Pivetta, F. “Por uma promoção da saúde emancipatória em territórios urbanos vulneráveis”. In: Czeresnia, D. & Freitas, C. M. (orgs.). *Promoção da Saúde, conceitos, reflexões, tendências*. 2.ª Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009, pp. 207-29.
- Porto, M. F. S. et al. “Produção compartilhada de conhecimento e cidadania: a experiência da comunidade ampliada de pesquisa-ação do Laboratório Territorial de Manguinhos-RJ”. In: Toledo, R.F. & Jacobi, P.R. (orgs.). *A pesquisa-ação na interface da saúde, educação e ambiente: princípios, desafios e experiências interdisciplinares*. São Paulo: Annablume-Feusp-Procam-Fapesp, 2012, pp. 193-229.
- Portp, M. F. S.; Zancan, L. & Pivetta, F. “Cidades saudáveis e promoção da saúde emancipatória: a reinvenção do cotidiano: (re)conhecimento nos territórios vulneráveis”. In: Silveira, C. B.; Fernandes, T. M.; Pellegrini, B. (orgs.). *Cidades saudáveis? Alguns olhares sobre o tema*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014, pp. 269-99.
- Santos, B. S. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 3.ª ed. São Paulo: Cortez, vol. 1, 2001.
- . *A gramática do tempo: por uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.
- Santos, M. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo. Edusp, 2005.
- . *Território e sociedade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- Souza e Silva, J. “Um espaço em busca de seu lugar: as favelas para além dos estereótipos”. In: *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. 3.ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, pp. 209-30.
- Waltner-Toews, D. The end of medicine: the beginning of health. *Futures*, vol. 32, n.º 7, pp. 655-67, 2000.

Zancan, L.; Bodstein, R. & Marcondes, W. (orgs.). Promoção da saúde como caminho para o desenvolvimento local: a experiência em Manguinhos-RJ. *Saúde Movimento*, n.º 5. Rio de Janeiro: Abrasco-Fiocruz, 2002.

Zancan, L. F.; Pivetta, F.; Sousa, F. M.; Cunha, M. B.; Porto, M. F. S. & Freitas, J. Dispositivos de comunicação para a promoção da saúde: reflexões metodológicas a partir do processo de compartilhamento da Maleta de Trabalho “Reconhecendo Manguinhos”. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, vol. 18, pp. 1313-26, 2014.